

PARNASIANISMO

O Parnasianismo, como se sabe, foi uma reação ao sentimentalismo e ao que se julgou serem desleixos formais dos últimos românticos. Voltava-se para a antiguidade clássica, buscando a perfeição gramatical e métrica, além do vocábulo preciso, o *mot juste* dos franceses. Sabemos também que raras vezes no Brasil houve Parnasianismo no puro sentido europeu do termo. No Ceará, como já foi dito, houve prenúncios dessa corrente no século XIX, mas quando o Simbolismo já era definitivo, pelo menos nos dois poetas que estudamos, pertencentes ambos à Padaria Espiritual. Depois das tentativas de Antônio Sales, e de poucos mais, tivemos, em 1903, o surgimento daquele soneto "A Aranha", de Álvaro Martins, manifestação verdadeiramente inaugural da arte marmórea entre nós e que, por motivos já explicados, não figura aqui, mas noutro capítulo já estudado. Virão depois autores que mais se aproximaram do Parnasianismo, como o mesmo Antônio Sales, já neste século, não faltando mesmo notas do puro Parnasianismo francês, com os sonetos de Alf. Castro. Outros nomes, como Cruz Filho, Mário Linhares, Júlio Maciel, Carlos Gondim, Otacílio de Azevedo e outros, enquadram-se apenas eventualmente na corrente original; escolhemos quase sempre o que de mais próximo à escola apresentavam os poetas, procurando igualmente estudar as composições na forma com que apareceram ao tempo de pleno domínio da corrente.

ANTÔNIO SALES

Poeta e prosador (cultivava o romance, o conto, o ensaio e o memorialismo), nascido em 1868 no Parazinho, e

falecido em 1940 em Fortaleza, já o encontramos entre os romancistas de nosso Realismo, com o romance regionalista *Aves de Arribação* (1914), bem como na Padaria Espiritual, em 1892, da qual foi o idealizador e uma das figuras de maior relevo, para não aludirmos à sua estréia ao tempo do Clube Literário, na década de 80. Também o vimos como historiador de nossa Literatura, com a *História da Literatura Cearense* (1939). Agora será estudado como poeta, gênero em que publicou: *Versos Diversos* (1890), *Trovas do Norte* (1895) *Poesias* (1902), esta reunindo versos dos livros anteriores, modificados, além de poemas novos, *Minha Terra* (1919) e *Poesia* (1902), esta reunindo versos dos livros anteriores, na I Grande Guerra. Postumamente foram publicados *Águas Passadas e Fábulas Brasileiras* (1944), bem como sua *Obra Poética* (1968), adiante referida.

DE TARDE

*Na sombra, ao pé das árvores, rumina
O manso gado em plácidas manadas,
E o sol enrola as flâmulas douradas
Que desfraldara às brisas da campina.*

*Arroxeia-se a serra; nas ramadas
Aglomeram-se os pássaros; termina
O labor dos roceiros, e a argentina
Voz da araponga estala nas quebradas.*

*Do rebanho a alva fila caprichosa,
Sem um rumor, pacífica, desliza
No trilho da vereda sinuosa;*

*E a juriti — das matas a poetisa —
O pé metido em meia cor-de-rosa, —
A branca areia dos caminhos pisa.*

PESCA DA PÉROLA

*O coração é concha bipartida:
Nós guardamos no peito uma metade,
E a outra, quem, o sabe? — anda perdida
Entre as vagas do mar da humanidade.*

*Do escafandro das ilusões vestida,
Rindo, mergulha a afoita mocidade,
Buscando um ser que lhe complete a vida,
Que lhe povoe do peito a soledade.*

*Encontra algum essa afeição sonhada
E à tona sobe erguendo a nacarada
Valva que guarda a pérola do amor...*

*Outro, porém, debalde as águas sonda,
Desce, a rolar, aflito, de onda em onda...
E não mais torna o audaz mergulhador!*

TERRA DE SOL

*O áureo malho do sol bate na incude
Da rocha estriada de malacachetas,
E mil faíscas, nesse embate rude,
Se desprendem das rútilas facetas.*

*Sem uma sombra amiga que as escude
Contra a soalheira, que abre o chão em gretas,
Buscam sedentas o longínquo açude
Vacas ossudas de engelhadas tetas.*

*É de ouro fulvo a grama ressequida;
A estrada poenta, em sinal de vida
Para os sertões intérminos se alonga...*

*E na mudez da abóbada infinita
Ouvi: parece que é a luz que grita
No tinido estridente da araponga.*

NEREIDA

*É de origem marinha, certamente...
Algo de um gênio salso se revela
Naquela boca de coral, naquela
Coma ondulada de âmbar transparente.*

*Parece que, ao marchar, nada no ambiente...
E sob a gaza diáfana, que a vela,
Tem rubores de concha a face dela,
E o seu colo é de espuma consistente.*

*Do pego austral, que um sol hiberno doura,
Deve ter vindo esta nereida loura,
Que as algas não mais vestem com seus folhos.*

*E não me surpreende que ainda traga,
Como lembrança da materna vaga,
Dois pingos de água cérula nos olhos.*

OS BRAÇOS DE VÊNUS

*Vi-te passar um dia pela rua,
Sem ter nos braços uma simples renda,
E é bem que deixes que essa carne esplenda
Ao sol, branca, marmórea, fria e nua.*

*Ora, uma Vênus há (que se insinua
Como um tipo de plástica estupenda)
À qual faltam os braços... E essa prenda
Não há um artista que lha restitua.*

*Quem sabe o gesto dos partidos braços?
Demais, quem braços tem que de modelos
Possam servir aos prófugos pedaços?*

*Tem-los tu (escultores, vinde vê-los!)
De tão perfeita correção de traços.
Que a própria Vênus quererá tê-los!*

A TAÇA DE MENELAU

*Páris, querendo um dia ante o templo de Apolo
Sacrificar, deixou tranpondo o Egeu, o solo
Da Ilion sagrada, e tomou rumo a Esparta,
Terra brava e feliz, de ferro e vinhas farta.
A seus pés brando flui, marulhoso e fecundo,
O Eurotas, e, no azul luminoso e profundo
Do céu jônio, o Taigeto, impávido, se alteia
Vendo perto alvejar o crescente de areia
Da praia, sob o anil do golfo amplo e tranquilo,
E verdejarem longe Andros, Sifeno, Milo,
E as claras ilhas mais de que o Egeu se constela.
Terra estóica e viril, terra gloriosa e bela!
Entanto, ali reinava a torva dinastia
Dos Átridas fatais, cuja história sombria,
Feita de sangue e horror, de parricídio e incesto,
Espalhara na terra o prestígio funesto,
A grandiosa e sinistra inspiração do crime,
Porque assim se criasse, imortal e sublime,
A Musa da Tragédia. Era mister que Oreste,
Electra, Clitemnestra, Agamemnon e Tieste
Encarnassem do mal os fatídicos gênios
Para que se afirmasse em monumentos êneos
O espírito sem par da melpomênia musa,
Que tem o dulçor de Hera e o furor de Medusa.
Sobre um povo de heróis, de alma impávida, ardente,
Reinava Menelau, mofino descendente
De Tântalo cruel, na rígida Lacônia.
Bela como a imortal que Eros da espuma jônia
Fez surgir, gotejante e de mil graças plena,
Partilhava o seu trono e o seu tálamo Helena,
Dos Dioscuros irmã, filha da astuta Leda*

*E do divino Zeus (que Hesíodo me conceda
Duvidar que um mortal, que Tindáreo a gerasse),
Como os gêmeos irmãos, ela tinha na face
Um cunho augusto e herie de uma sagrada origem.
Só o beijo de um deus, na fecunda vertigem,
A pudera formar tão grandemente bela
Que a escultura pagã teve o seu tipo nela,
Pois nela se encarnou a majestade e a graça
Com que sonhara o gênio estético da raça,
Quando no Olímpio honrou, com o emblema da rea-
[leza,
A paz da força — Zeus, Afrodite — a beleza.
Jamais cetro perpez de súditos o anelo
Como Helena a reinar nesse reino do belo.
Toda a Hélade era então um templo de Afrodite:
O ouro, a prata, o bronze, o electro, a diorite,
O mármore imortal do Pentélico e Paros,
Tudo se transformou em momentos preclaros
Em estátuas, broquéis, vasos, jóias, relevos,
Da excelsa perfeição áureos padrões longevos,
Ante cuja grandeza inda hoje nos curvamos.
Um artista existiu — Recus, filho de Samos —,
Que a todos excedeu na perfeição suprema
Com que o metal lavrava e cinzelava a gema.
De que Alcandra privou seu opimo tesouro
Era de sua mão a grande roca de ouro
Para enviar a Helena o mimo esponsalício.
Foi Réia, a lenda diz, quem lhe ensinara o ofício.
E, pois, Recus criou profusas maravilhas,
E desde a escusa Ilíria às mais remotas ilhas,
Quer nas régias mansões quer nos templos dos deuses,
Em Delfos, no Peneu, na Táurida, em Elêusis
As suas criações de encantos soberanos
O sagraram rival de Hefesto entre os humanos.
Menelau o chamara a Esparta, e lhe ordenara
De uma taça lavrar qual nunca se lavrara,
No metal que ilumina o leito de Pactolo,*

*Para nela fazer as libações a Apolo.
Recus jurou cumprir essa vontade régia,
E ao templo foi pedir a proteção egrégia
Da deusa que preside às artes. Quis Atena
Ser propícia e mostrou-lhe em seus sonhos — Helena.
No outro dia, a vagar através do arvoredos
Da vivenda real, à sombra de um vinhedo
Encontra a dormir de Menelau a esposa.
Recus, de puro assombro, um passo mais não ousa.
Junto dela se vê uma argêntea corbelha,
Contendo flocos de ouro e de seda vermelha.
Ela viera bordar. Que o diga o doce plectro
De Teócrito, a entoar em peregrino metro
O epitalâmio em honra às memoráveis bodas
De Helena e Menelau: digam-no as musas todas
Do arquipélago egípcio e do Peloponeso
Como essas belas mãos, tão frágeis para o peso
De um cetro, eram sutis em recobrir a trama
Do ostro e em marchetar de pérolas a lhama,
Quando não lhe aprazia a pentacórdia lira.
Helena adormecera; o manto lhe caíra
Aos pés; no alto do busto entreabriu-se a túnica,
E, através do rubor da mole seda púnica,
Claro, tímido, a arfar, com um ponto róseo ao meio,
Recus, trêmulo, viu o seu divino seio!
Viu turvou-se-lhe o olhar, e fugiu apressado...
A deusa ouvira a prece: o artista havia achado
O modelo feliz da prometida taça.
Consente Menelau que de Atena se faça
A graciosa vontade: Helena anui, corando.
E do seio o contorno harmonioso e brando
O artista reproduz num punhado de argila.*

*E eis que um dia afinal a jóia já cintila
Em faustoso festim que o rei hospitaleiro
Dá para receber um príncipe estrangeiro.
É Páris que, depois de aventurosa viagem,*

*Vem a Apolo render a piedosa homenagem
De seu justo fervor, pois o deus dadivoso
O colmara de dons cada qual mais precioso;
Do próprio Febo tinha a serena beleza,
A cabeleira flava, a mágica destreza
Em dedilhar a lira e disparar as setas.
Vênus lhe consagrara as ternuras secretas
Da vaidade afagada em melindroso assomo,
Quando as rivais venceu, ganhando-lhes o pomo
Da beleza. Entretanto, outra fora a sentença
Caso Helena também pleiteasse a recompensa...
Certo, naquele instante assim pensava Páris,
Vendo dessa mulher as graças singulares...
Bela como uma deusa, era mortal no entanto!
Um pensamento mau brotou naquele encanto...
E nisto o anfitrião encheu de vinho a taça
De Recus e ofertou-lha. É assim que se traça
A sentença fatal no livro do destino!
Páris bebeu... bebeu... um êxtase divino,
Uma esquisita ebbriez transtornou-lhe os sentidos...
Olhou... Helena olhou... sentiram-se perdidos...*

*Mais tarde, sobre a nau, a demandar seus lares,
Nos braços apertava o afortunado Páris
Da rainha de Esparta o corpo langoroso,
E na taça de carne, a ambrosia do gozo,
Bem mais grato que o Cós na aurilavrada jóia,
Sorvia...*

E depois houve a guerra de Tróia.

(Antônio Sales. **Versos Diversos**. Fortaleza, Tip. de José Lino, 1890, p. 10; **Poesias**. Rio de Janeiro, Garnier, 1902, p. 13;; **Obra Poética**. Fortaleza, Imprensa Universitária, Publicação da Sec. de Cultura do Ceará (organizada por Braga Montenegro, com Apresentação de Otacílio Colares e Notas de Sânzio de Azevedo), 1968, pp. 231-2; 289; 317; 348-51.)

Pelas produções apresentadas, podemos acompanhar a trajetória artística de Antônio Sales, como poeta: no primeiro soneto, “de Tarde”, observamos um descritivismo que lembra as *Miniaturas* de Gonçalves Crespo, mas ainda com laivos românticos e sobretudo notas arcádicas, segundo constatou, neste e noutros poemas, Otacílio Colares (Introdução à *Obra Poética*, citada); muito longe ainda estamos do verdadeiro Parnasianismo (do qual se aproximará o poeta mais tarde), apesar de havermos escolhido, dos *Versos Diversos* (1890), o poema que mais se identificasse com a corrente; reproduzimo-lo em sua primeira lição, para dar uma amostra do que se chamava parnasiano ao tempo da Padaria Espiritual (ou pouco antes, como é o caso): figurando no livro *Poesias* (que o autor chamou de edição definitiva, uma vez que é a reunião dos dois primeiros livros, refundidos, e mais alguns poemas inéditos), de 1902, sofreu ligeiras alterações, sendo assim o 2.º verso do 1.º terceto: *Rosário de alvos flóculos, desliza*. Lembre-se que, no mencionado livro de estréia de Antônio Sales, são inúmeros os versos deste teor: *Já não tremente as mãos quando, radiosa, / À luz festiva dos salões brilhantes...* O soneto seguinte, “Pesca da Pérola”, pertencente às *Trovas do Norte* (1895), e reproduzido com alterações nas citadas *Poesias*, é um dos mais famosos sonetos de Antônio Sales, tendo recebido elogios de José Veríssimo nos primeiros anos do século, e figurado mais tarde entre os *Sonetos Brasileiros* de Laudelino Freire. Por seu caráter um tanto filosofante, lembra certos espécimes do nosso chamado Parnasianismo, como “As Pombas”, de Raimundo Correia. Reproduzimo-lo tal como foi incluído nas *Poesias*; em sua primitiva edição, tinha sete versos ligeiramente diferentes:

- v. 1 — No revoltoso mar da humanidade
- v. 6 — Neste oceano mergulha a mocidade
- v. 7 — Buscando uma afeição que desta vida
- v. 8 — Ilumine a profunda escuridade
- v. 11 — Concha que guarda a pérola do amor...
- v. 13 — Desce, desce, rolando de onda em onda...
- v. 14 — E não mais volta o audaz mergulhador!

A partir de *Minha Terra* (1919) vai-se acentuando o Parnasianismo do poeta: o soneto "Terra de Sol", que ainda trai leitura de Gonçalves Crespo (cujos versos dariam a nota descritiva a inúmeros de nossos chamados parnasianos), já demonstra maior apuro formal, pelo menos pelas rimas dos quartetos; no final, a confusão entre a luz e o grito da ave (sinestesia) é uma herança baudelairiana (portanto simbolista), a que não fugiram os poetas da corrente, no Brasil. "Nereida", que é do livro *Águas Passadas*, tendo sido publicado n' *A Poesia Cearense no Centenário*, de Sales Campos, em 22, já nos traz certo exotismo e alguma frieza descritiva que lhe conferem *estatus* parnasiano (as Nereidas, na Mitologia, eram divindades marinhas, filhas de Nereu). O mesmo ocorre com "Os Braços de Vênus" que, por sinal, prima pelos encadeamentos ou *enjambements*, não lhe faltando o requinte da rima composta nos tercetos (*modelos / vê-los / tê-los*); como "Nereida", figurou na antologia de 1922, tendo sofrido algumas alterações. Além da forma, convém ressaltar o tema, onde mais patente surge a alusão à Grécia antiga, cultuando o poeta a beleza escultural, um dos ideais da corrente. Nenhum desses sonetos, entretanto, pode enquadrar-se tão perfeitamente na escola de Heredia como "A Taça de Menelau", também do livro póstumo, em que aparece abrindo uma parte intitulada "Ante o Templo de Apolo..." Aqui, em alexandrinos sonoros, vazados classicamente, com fiel observância aos acentos e às cesuras, Antônio Sales nos conta como Páris, filho de Príamo e de Hécuba, chegou a apaixonar-se por Helena, rainha de Esparta, com a qual fugiu, dando origem à famosa Guerra de Tróia, narrada por Homero na *Iliada* (Ílion era o nome poético de Tróia). O poeta, que não lograra atingir ao puro Parnasianismo nos primeiros livros (embora ele mesmo se considerasse um fanático seguidor da corrente), chegou nesse poema a alcançar a forma e a essência da escola, demonstrando inclusive seguro conhecimento da Mitologia clássica. ⁵⁵

ALF. CASTRO

ALFREDO de Miranda CASTRO — Nasceu em Pernambuco, no dia 30 de novembro de 1873, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 1.º de abril de 1926. Transferido para o Ceará logo após sua formatura em Direito, por volta de 1895, foi juiz no Aracati, vindo mais tarde a exercer o cargo de Procurador da República. Aqui produziu o melhor de sua obra, e publicou *De Sonho em Sonho* (1906), livro que só muito vagamente deixa entrever o artista impecável que seria mais tarde. Seus poemas parnasianos compõem um livro que permanece inédito, *Ocaso em Fogo*. É autor ainda da conferência *O Poeta e a Poesia* (1913), e praticava também o estudo crítico. Pertenceu à Academia Cearense de Letras.

A MORTE DE PÃ

*Estendido no chão, no mais denso e profundo
Do bosque, dorme Pã. Dorme e fala. Delira.
Deixai-o descansar, que o deus é moribundo.
Vede-lhe a avena ali: por seu sopro suspira.*

*Mas encontram-no, acaso, as ninfas. Sobre o imundo
Fauno, que as perseguia, elas todas, em ira,
Com chufas e bastões lançam-se agora, a fundo,
Até que o deus, gemendo e soluçando, expira.*

*Então, uma, sem dó, os chavelhos lhe arranca;
Outra os olhos espeta; outra lhe rasga a boca;
Outra, com a própria avena, o pé de cabra espanca.*

*Depois, dando-se as mãos, ébrias do mesmo gozo,
O bosque inteiro atroando, em grita imensa e louca,
Dançam em derredor do sátiro asqueroso.*

A ESTATUA DE SILENO

*Longo tempo no parque, entre a alegre verdura,
Às carícias do sol, na luz fina e fagueira,*

*Sileno, o velho deus, guardara a compostura
Firme na sua estátua, enramado em videira.*

*Mas um dia se espalma a asa pesada e escura
Da borrasca. Do céu vela-se a face inteira.
E um raio que desceu busca o parque, procura
A estátua e lança em terra o deus da bebedeira.*

*Ao tombar destronada, a figura grotesca,
Num acaso feliz, ficou mesmo com a cara
Encostada na relva umedecida e fresca.*

*Quem depois transitou por aquele caminho
Certamente pensou que o deus melhor ficara
Estendido no chão para curtir seu vinho!*

POMO DE ASFALTITE

*Pobre de ti! Jamais o cobiçado fruto
Hás de, alegre, colher no galho, que balança:
Alta é a fronde que o tem, veludoso e impoluto,
E és pequeno demais. Tua mão não o alcança!*

*Não poderes crescer e avultar num minuto
Para tirá-lo! Em vão, que a viridente frança
Há de crescer também e — oh! desespero e luto! —
Há de o pomo fugir à tua mão, que avança.*

*Mas pudesses colhê-lo . . . Em breve, quando fosses
Mordê-lo, em tua boca ansiosa, que o reclama,
Prelibando o sabor dos seus gomos tão doces,*

*Esse fruto de pele em sangue e ouro embebida,
Desfazendo-se em fel, desfazendo-se em lama,
Havia de amargar por toda a tua vida!*

EM VILEGIATURA

*De novo, em frente ao mar. De novo, agora, em
[frente*

*Deste mar, que na praia amoroso se lança,
Inda as jangadas vão em frota, ao sol nascente,
Para à tarde voltar n' uma garbosa dança.*

*Que vim fazer aqui? — Rememorar somente
Um passado feliz, despertar a lembrança
De uma mulher que o coração me fez fremente
Do amor que há muito em mim sepultado descansa.*

*Recordações de amor! Pensai bem na mistura
Que pode para alguém um sonho insatisfeito
Ter de infinda delícia e ter de atroz tortura!*

*Corre o tempo sem que destas cismas eu saia,
Casando sem cessar os suspiros do peito
Ao sussurro da vaga a se quebrar na praia.*

CENA MARINHA

*Nadando, acaso, sobre a emaranhada teia
Das algas, dos corais, dos pólipos gigantes,
Um tritão encontrou uma jovem sereia
Divagando, a cismar cismas de almas amantes.*

*Logo, o monstro marinho, inflamando-se, anseia
Por abraça-la e tê-la. Ela o sente. Mas, antes
Desejando morrer, foge do monstro, cheia
Do mais justo pavor dos seus olhos chispantes.*

*Sobe. Apressa-se mais. Chega, por fim, à tona
Das águas. O tritão chega também. Desata,
Após ela, a correr — mais e mais a ambiciona.*

*E, na porfia, os dois, em disparada, às soltas,
Voam. Na flor do mar há fulgores de prata
E um contínuo chofrar de águas e águas revoltas.*

A DANÇA DOS SETE VÉUS

*O tetrarca pediu, disfarçando, de leve,
Um desejo, com voz, de enternecida, rouca,
Que Salomé, movendo o corpo airoso e breve,
Dançasse. Estava triste, e era a graça bem pouca.*

*Envolta em sete véus alvíssimos, de neve,
Ela, a judia, põe-se a dançar, como louca,
E, a cada evolução que seu corpo descreve,
Como uma estranha flor, dos seus véus se destouca.*

*Em meneios gentis, a princesa, que gira,
Tira o primeiro véu, tira o segundo, tira
O terceiro, e outro mais, mais outro, e outro, ainda.*

*Quando o véu derradeiro ela, afinal, arranca,
Estaca. Aos olhos reais, Salomé, na mais franca
Nudez, mostra-se, então, provocadora e linda.*

AS QUIMERAS

*Numa arrancada heróica, as quimeras, em bando,
Subiram para o céu, cheias de ânsias secretas.
E, na luz da manhã, elas, de luz repletas,
Ébrias, cegas de luz, em pleno azul vão voando.*

*Subiram tanto no seu vôo formidando,
Que varre todo céu o vigor das inquietas
Asas de ouro, onde o sol atira as áureas setas,
E mil faiscações passam de quando em quando.*

*No furor da investida, umas entram em choque
Com as que voam mais perto. Estala uma asa. Há um
[toque
De rubro pelo espaço. A revoada está feita.*

*Descendo, então, do azul, pouisa a ronda no solo:
Encolhe-se cada asa, ofega cada colo,
Na atitude de cão, cada quimera espreita.*

(Originais do livro inédito de Alf. Castro, **Ocaso em Fogo.**)

A importância de Alf. Castro reside não somente na qualidade de sua poesia, mas também e principalmente no fato de situar-se no mais genuíno e puro Parnasianismo, no sentido francês do termo, o que é raro na literatura nacional. Por isso Cruz Filho afirmou que “ele e Francisca Júlia da Silva foram, no Brasil, os maiores e mais legítimos corifeus” da corrente.⁵⁶ Com efeito, logo nos dois primeiros sonetos (escritos em 1908), através de um descritivismo em que se anula o autor no poema, temos a presença da Mitologia: Pã, figura controvertida, geralmente aceito como um sátiro nas lendas gregas (e confundido com Fauno, dos romanos), vivia a perseguir as Ninfas, ardendo em desejos concupiscentes; o poeta imagina a desforra destas, ao encontrá-lo moribundo. Em “A Estátua de Sileno”, é admirável o tratamento que dá a um tema quase anedótico: Sileno era preceptor de Baco, simbolizando os dois a bebedeira. Mas o poeta não iria cantar sempre no mesmo tom, e assim temos em seguida, mais ou menos da mesma época, “Pomo de Asfaltite”, onde a impassibilidade cede à emoção: é justamente pela emoção de que se reveste que se torna um dos pontos altos da poesia cearense: servindo-se de uma alusão que vem do Romantismo (O Pomo do Mar Morto, ou de Asfaltite), como que retrata a angústia humana em busca da felicidade que foge, como no suplício mitológico de Tântalo, felicidade essa que afinal não corresponde aos sonhos que despertara. “Em Vilegiatura”, de 1909,

é ainda mais subjetivo, pois se trata da humanidade, mas do próprio poeta, a remoer seus pensamentos e sentimentos, com referência clara ao amor; note-se a nota regional na presença das jangadas e destaque-se o trímetro (v. 7.^o). “Cena Marinha”, datado de 1910, retoma os temas mitológicos, mas de certa forma transfigurando a supra-realidade mítica: uma Sereia (geralmente tida como mulher-peixe, mas que nos autores antigos era uma mulher com corpo de pássaro, como as que cantaram para atrair Ulisses) é perseguida tenazmente por um Tritão (este, sim, um homem-peixe); o Tritão, às vezes multiplicado em vários, era arauto de Netuno, seu pai. Aqui, faz ele as vezes de um sátiro, sendo a sereia uma ninfa: transfere-se para o mar uma cena dos bosques helênicos. Além do apuro formal, presente na aliteração do verso 4.^o, na movimentação onomatopaica da segunda estrofe, assim como nos encadeamentos altamente expressivos, o Parnasianismo do soneto patenteia-se no fato de constituir, todo o poema, uma cena rápida, um *flash* de grande efeito, chegando a lembrar-nos perfeitamente a arte de Heredia: lembre-se, de *Les Trophées*, o soneto “Le Récif de Corail”, em que surge esta enumeração: *Mousse, algue chevelue, anémones, oursins*. “A Dança dos Sete Véus”, de 1915, por sua vez, evoca o povo hebreu, aliás tão decantado por Heredia no citado livro: Salomé ou Herodiade, filha de Herodias, dança a pedido de Herodes Antipas, tetrarca da Galiléia; após essa dança, rezam as Escrituras, pede ela a cabeça de São João Batista, que efetivamente é degolado. Conquanto seja este soneto um dos mais festejados de Alf. Castro, não nos parece seja ele um dos mais felizes: o final do primeiro quarteto, por exemplo, soa-nos forçado, como para compor a rima (*era a graça bem pouca*), sendo que o encadeamento ou *enjambement* do penúltimo para o último verso tira toda a força do soneto em seu final, que deixa assim de ser uma “chave de ouro”. Todavia, tornou-se antológico. “As Quimeras”, como a “Cena Marinha”, é um flagrante captado no mundo da Mitologia: verdade que, também como no outro soneto, as Quimeras não se apresentam como na lenda clássica, ou seja, monstro com cabeça de leão, cauda de dra-

gão e corpo de cabra, vencido por Belerofonte.⁵⁷ Note-se que as do poeta são seres voadores, talvez mais aproximadas da Harpias; na primeira estrofe, verificamos a ênfase da clareza, pela repetição da palavra *luz*, três vezes; essa clareza persistirá nas setas despedidas pelo sol e nas faíscas das asas de ouro das quimeras, na estrofe segunda; também nesse soneto, como os demais vazados em alexandrinos clássicos, temos um trímetro, o verso 5.º: *Subiram tanto no seu vôo formidando*. Alf. Castro, que em seu livro de estréia praticara mais o decassílabo, ao passo que se ia mais e mais parnasianizando abandonava o verso de dez sílabas em favor do alexandrino, que predomina em *Ocaso em Fogo* (livro que, equivocadamente, Cruz Filho anunciara como tendo o título *Vesperália*, engano repetido por Dolor Barreira em sua *História da Literatura Cearense*).

CRUZ FILHO

José da CRUZ FILHO — Nasceu em Canindé, no dia 16 de outubro de 1884, e faleceu em Fortaleza, em 29 de agosto de 1974, quase aos 90 anos de idade. Fez os primeiros estudos num colégio religioso de sua cidade, colégio do qual foi professor mais tarde. Contudo, não chegou a cursar nenhuma escola superior, o que não o impediu de formar sólida cultura humanística, chegando a ser professor de Português e de Literatura do Liceu do Ceará. Em 1903, com Augusto Rocha e Tomás Barbosa, fundou o primeiro jornal de sua cidade, *O Canindé*; apesar de haver começado cedo a publicar poemas em periódicos, somente em 1924, após constantes refundições, resolveu reuni-los em volume, os *Poemas dos Belos Dias*. Isso não fez com que deixasse de refundir os poemas já editados, que enfeixou, com inéditos, em *Poesia* (1949), e, bem mais tarde, em *Toda a Musa* (1965). Foi em 1963 eleito o príncipe dos Poetas Cearenses. Em prosa, deixou *História do Ceará* (1931), *O Soneto* (1965) ensaio, e *Histórias de Trancoso* (1971), contos. Era membro da Academia Cearense de Letras. Usou os pseudônimos de *Climério Várzea*, *X*, *Caio Flávio*, *César Tigre* e outros.

SUGESTÃO DE BEETHOVEN

Noite. Ermo... Um luar de abril quase morto na
[bruma.
Silêncio. Ar medieval de algum convento em ruína...
Num piano, cujo som do jazigo te exuma,
Beethoven chora e geme, em lúgubre surdina...

Há um êxtase em redor. Dorme o arvoredado. Alguma
Cousa indizível paira entre o alvor da neblina,
E a alma da solidão, que um mistério perfuma,
Enche a terra em torpor de uma angústia divina...

E, à música de dor, que na bruma se espalha,
Surgem alvas visões... Há um rumor de mortalha...
Deslizam, sob o luar, Desdêmona e Cordélia...

E, na sombra, a espreitar a ampla noite, que o pasma.
Passa do pobre Hanleto o dorido fantasma,
A arrastar, pela cinta, o cadáver de Ofélia...

A ILUSÃO DO SAPO

Aos pinchos, pela sombra, indolente e moroso,
O batráquio estacou do fundo poço à borda,
E um momento quedou, como quem se recorda,
Surpreso ante a visão do poço silencioso...

Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê — pelo céu luminoso
Vê da Lua pairar o áureo disco radioso:
E o disforme animal de júbilo transborda...

Um momento quedou, mudo e perplexo. Ao centro.
A tentá-lo, a ilusão do astro de ouro flutua,
E o monstro eis que se arroja, a súbitas, lá dentro...

*E a água convulsionou-se, em círculos ondeantes,
Num naufrágio de luz, em que perece a Lua,
Dissolvida em rubis, topázios e diamantes.*

A CANÇÃO DA CIGARRA

*E a velhice aí vem. Vem com os seus frios,
Com o seu tristonho, o seu brumoso inverno,
E os céus, que eram azuis, ficam sombrios,
Desfaz-se o tempo, que eu supunha eterno!*

*Flavos dias de sol, quentes estios,
Brando enlevo romântico e superno,
Que eu cantando passei — ei-los vazios,
Meus castelos de Sonho — ao vir do inverno!*

*Consumi, na loucura mais bizarra,
Chamando embalde uma perpétua ausente,
Minha existência inútil de cigarra!*

*Paixão maldita! Desvairado anseio
Da cigarra, que invoca, inutilmente,
A doce companheira que não veio!*

O PAVÃO

*Na suave e branda paz do amplo parque silente,
Entre árvores de luxo, em calma solidão,
Magnífico, taful, todo glória, imponente,
Da terna amante ao pé, vive o régio pavão.*

*Nesse reino, que é seu, ele é sempre presente,
Num lascivo vagar, belo como um Sultão,
Abrindo à clara luz, larga e orgulhosamente,
Flórea cauda sem par com seu fausto pagão.*

*Pára à borda do lago, onde estátuas douradas
Ao sol, entre frontões e colunas delgadas,
Olham sua nudez n' água que lhes sorri...*

*E, a um graso de ódio e ciúme, o silêncio se alarma!
É o pavão que, ao mirar-se, o áureo leque desarma,
No susto de encontrar outro pavão ali...*

O JAGUAR

*Maravilhoso luar doura o sertão deserto,
Sob a abóbada azul do alto céu tropical,
Onde o globo lunar do zênite vai perto
E ofuscou, com o clarão, todo o esplendor astral.*

*À roda, na extensão da planura infinita,
Reina o silêncio e a paz. O deus da Noite dorme...
E, na ampla solidão, em que uma alma crepita,
Sente-se a terra arfar, como um dragão enorme.*

*O hirsuto matagal espinhoso e cinzento,
Sem uma folha já, na acridez do verão,
Ouriça o imenso plaino, afrontando sedento
A canícula atroz do combusto sertão.*

*Quem fez calar ao mocho o alarma intempestivo,
Que do ermo sói turbar a placidez reinante?
— Dorme a brenha, em redor, sem sinal de um ser
[vivo.*

Magnetizada à luz do plenilúnio errante.

*Uma nuvem que passa, indolente e sem norte,
Por vezes do astro esconde o esplêndido fulgor,
Dando à terra, com a sombra, uns desmaios de morte,
Para logo a despertar do equívoco torpor.*

*A esta hora, cava e opressa, em que a noite culmina
No alto de um penhascal, que de cactos se touca,*

*Tentado pelo luar, que o convida e fascina,
Surge grande jaguar de escura furna à boca.*

*Raciocina, um minuto. Os olhos coruscantes
Ardem, na meia-luz, quais fosfóreos rubins,
Entre esparsos montões de ossadas alvejantes,
— Destroços funerais de sangrentos festins.*

*Depois, em frente do antro, acocorado e quedo,
Abafando, talvez, um bramido queixoso,
Contempla o disco à lua, e a interroga, em segredo.
Com soluços no olhar colérico e saudoso...*

*Contempla o disco à lua... E, nesse olhar-anseio,
Nesse olhar-transvisão, que perquire e reluz,
Concentra a mágoa atroz que lhe exulcera o seio
E ao fuste preso o traz de subjetiva cruz.*

*Mas a sibila astral, suspensa sobre o abismo
Que ora vai a transpor, no seu percurso tardo,
Não sabe discernir o doloroso trismo
Que a bocarra contrai ao mísero leopardo...*

*Ah! à dor que lhe dói nenhum eco responde;
Se as feras deuses têm, o seu deus o olvidou,
A Cassandra do céu, se algo sabe, lho esconde,
E a muda invocação sem resposta ficou.*

*Aquela que ele amava, a bela taciturna,
Do idílio conjugal na rósea primavera,
Faz um mês que a matou, no limiar da cafurna,
O homem, covarde e mau, mais feroz do que a fera*

*No entanto, do jaguar volve tudo à memória:
— Os dias que lá vão, sob um céu todo anil,
Trechos soltos, talvez, da sua pobre história,
— Jogos florais de amor, ternuras de covil...*

*E, à confusa expansão da secreta miragem,
Que ante ele recompõe o passado florido,
De novo julga ouvir, no queixume da aragem,
Da perdida Leonor o erótico vagido.*

*Mas o arguto animal, que o sítio, em torno, espreita,
Desce, coleando o dorso entre os troncos anões,
À planície, em que o luar ressupino se deita,
Para à fera inspirar ciladas e traições.*

*Que busca ele? Que busca, a horas mortas da noite,
Através do sertão, o jaguar diligente?
A ovelha tresmalhada? Um antro em que se acoite?
— Compele-o sede cruel à água que o dessedente.*

*De feito, pouco além, em longa várzea expansa,
Dentro do ermo da noite alcança o seu olhar
De solitário açude a superfície mansa,
Sob a névoa da luz do opalescente luar.*

*Cauto, com o passo astuto, a perquirir atento
Da imota solidão os mais pequenos ruídos,
À barragem chegou o leopardo sedento.
— Mas súbita emoção conturba-lhe os sentidos!*

*Ao fundo d'água vê, no seu vulto reflexo,
De outra imponente fera a imagem senhoril!
— E eis que na alma lhe ruge o demônio do sexo
E a espinha lhe percorre um frêmito viril.*

*A noite é toda paz, a lua, calma e algente,
Nem um rumor sequer o amplo silêncio corta!
E ele se põe a uivar inconsolavelmente,
Invocando, num sonho, a companheira morta.*

*(Cruz Filho. Poemas dos Belos Dias. Fortaleza, Livr. e
Papeleria Ribeiro, 1924, pp. 26, 79, 51, 100. Toda a Musa.
Fortaleza, IUC, 1965, pp. 239-42.)*

Reproduzimos os poemas de Cruz Filho tais como estão no livro de estréia, apesar de o autor os haver modificado; é que uma edição atual não daria idéia da corrente em seu tempo de fastígio. Apenas do último reproduzimos a lição mais recente, por se tratar de poema não muito antigo, e de ter sido pouco alterado. Ao mesmo tempo em que Alf. Castro iniciava o Parnasianismo cearense, Cruz Filho assinava sonetos no *Album Imperial*, de S. Paulo, como "O Sonho de Teseu", de 1907, cujos tercetos dizem: *Da Grécia os esquadrões vão invadindo a Elêusis... / Ressoa um trovejar de homéricas refregas; / Depois, um turbilhão de ensanguentados Deuses / Transpõe, aprisionado, o extenso campo limpo... / E sob o matagal das altas lanças gregas / Vem ressoando o tropel dos Imortais do Olimpo...* Se aos 20 e poucos anos ostentava tal segurança (o que lhe propiciava figurar em revistas do Sul), iria com o tempo ainda mais aprimorar-se, ao passo que somava algumas notas de Simbolismo ao seu estilo parnasiano. "Sugestão de Beethoven" é uma página descritiva em que se revela o eruditismo da escola de Heredia, fazendo brotarem, em solenes versos vazados no metro alexandrino, ao evocar da arte do compositor germânico, figuras do teatro de Shakespeare; mas o mistério de que se reveste o poema, com visões, luas e mortilhas, avizinha-se sem dúvida da fluidez simbolista, ainda presentes nas reticências. Já "A Ilusão do Sapo", tem mais visível intenção de *flash*, sem participação emocional do autor: pode alguém ver nesse sapo e nessa lua, respectivamente, os sonhadores impenitentes e os ideais inatingíveis; de nossa parte, preferimos ver simplesmente uma cena captada de maneira realista, se bem que transfundida em verdadeira poesia. No verso final, temos leve reminiscência daquele já mencionado soneto de Heredia, "Le Récif de Corail", através da enumeração: *Courir un frisson d'or, de nacre et d'émeraude*. A última edição do soneto, deixada pelo poeta pouco antes de falecer, reproduzimo-la em primeira mão em "Cruz Filho e Sua Poesia" (*Revista da Academia Cearense de Letras*, ano LXXVI, n. 36, 1975, pp. 83-93). "A Canção da Cigarra", em decassílabos, já pertence ao que poderemos

chamar de Parnasianismo brasileiro (em oposição ao puramente francês), de Bilac e seus confrades: profundamente sentido, com laivos de Romantismo, esse soneto guarda contudo, na perfeição formal, como na escolha das rimas e do vocabulário, certa solenidade clássica; atualmente, são assim os tercetos, após várias alterações: *Consumi, nesta estólida algazarra, / Chamando embalde uma perpétua ausente, / A minha vida ociosa de cigarra! / Mas quanto ingênuos são o canto e o anseio / Da cigarra que invoca inutilmente / A doce companheira que não veio!* “O Pavão” retoma as notas parnasianas, para cantar uma cena de luxo, num requinte digno de Francisca Júlia; nem lhe falta a presença das estátuas, que lhe conferem o *tonus* escultural. Afinal, “O Jaguar”, que transcrevemos de *Toda a Musa* (1965), compõe-se de vinte estrofes cinzeladas em alexandrinos clássicos, com rimas em ABAB (cruzadas ou alternadas), mas com o cuidado de alternar, nos versos finais de cada estância, rima agudas e graves, num apuro próprio do artesão exigente. Nesse poema, em que a lua desempenha papel destacado, o felídeo assume proporções humanas: aparecendo, a partir da sexta estrofe, sendo as anteriores a preparação do ambiente onde ele vai atuar, confere-lhe o poeta raciocínio, com o qual o animal interroga a lua, que nada lhe diz. Só, desprezado dos deuses (se é que as feras os têm), rememora os momentos felizes e chega mesmo a ouvir o rugido da companheira ausente, morta pelo homem, “covarde e mau”; por fim, mirando na água, ao invés de enfurecer-se, como fizera o pavão, do soneto transcrito, ele vê, na sua imagem, a figura da bem-amada, e põe-se a uivar tristemente, sob o fascínio do luar. Esse poema de Cruz Filho é, a nosso ver, um dos mais belos e felizes instantes da poesia cearense. É interessante comparar o poema “O Jaguar” com o conto, também de Cruz Filho, “O Sertão, o Luar e a Fera”, constante de *Histórias de Trancoso* (1971), pp. 98-102.

JÚLIO MACIEL

JÚLIO Barbosa MACIEL — Nasceu em Baturité, no dia 28 de abril de 1888, e faleceu em Fortaleza, em 8 de fevereiro

de 1967. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, foi Promotor e Juiz no interior cearense, por vários anos. Começou a versejar na primeira década do século, colaborando em jornais e revistas. Sua feição definitiva é a de poeta parnasiano, com notas simbolistas, mas compôs versos à moda futurista, sob o pseudônimo de *Lúcio Várzea*. Publicou *Terra Mártir* (1918), com uma carta-prefácio de Emílio de Menezes (2.^a edição de 1937); *Poemas da Solidão* (1943). São ainda de sua autoria *Os Versos de Ouro de Pitágoras* (1925, com 2.^a ed. em 1956) e o *ABC do Padre Cícero* (1944). Era membro da Academia Cearense de Letras.

JUAZEIRO

*É no Sertão do Norte. Às águas de janeiro
O verde o prado arreia e ao monte veste a espalda;
Entre as árvores mais, vitorioso, o juazeiro
No azul amplo dos céus a ramada desfalda...*

*Sem ponta de asa, agora a amplidão é um braseiro,
A terra, nem que fora uma fornalha, escalda:
— Só, na planície nua, o vegetal soalheiro
Levanta em pompa aos céus a copa de esmeralda!*

*E assim faustoso e vivo, em meio à morte e o luto,
Acenando, de longe, é promessa e carinho
Aos olhos de quem foge acaso o Sertão bruto.*

*Perto, porém, se ostenta o juazeiro, escarninho:
No alto — maciça e verde, a copa está sem fruto!
Em baixo — a sombra fresca é em rude chão de espi-
[nho!*

JACARECANGA

*Rebelde e forte, aqui, outrora se implantava
A taba indiana — aqui, onde a alma lua cheia,
Pródiga, a derramar em cachões a luz flava,
— Agora a estes casais a fachada clareia.*

*Quanta vez trom de inúbia, entrechocar de clava
Não vibrou pelo azul que sobre mim se arqueia!
Praia! o tropel da tribo em correria brava
Quanta vez não sentiste a sacudir-te a areia!*

*E embora tu, Passado, a lenda antiga escondas,
Eu sei que o amor também floruiu aqui: — no treno
Da aragem, no marulho eloquente das ondas, —*

*Parece-me inda escuto, em meio à noite clara,
—O selvagem rumor dos beijos de Moreno
E as falas de paixão da meiga Tabajara!*

AETERNUM VALE

*Tal como acaba o fausto, o resplendor, a gala
Das manhãs de verão, ante as brumas do inverno,
Acabe a aspiração que as almas nos embala,
Morra este róseo ideal, morra este sonho terno!*

*Nem ponderes o horror mortal que me avassala
Ao formular, assim, o meu adeus eterno:
Inútil, na garganta, exaure-se-me a fala,
Sinto dentro de mim conflagrações de inferno.*

*Um para o outro, debalde Amor nos encaminha:
Mau grado ao teu querer, pesar de meus esforços,
Não te esperances mais, que nunca serás minha!...*

*Certo, ouvindo-me, estás perplexa, estás confusa,
E a tua alma de escol, pesando os meus remorsos,
Clemente me perdoa... Impassível me acusa!*

OS GROUS

*Por sobre a serra e o vale, a tribo aventureira
Dos grous em fuga passa a pleno firmamento,*

— *Libérrima e veloz, em compacta fileira,
Alto, a pompear ao sol o plumacho opulento.*

*Súbito o vale e a serra atroa arma traiçoeira,
E, qual se a elas movera humano entendimento,
Eis as aves sustêm infeliz companheira,
Que no ar rodou, fechando o remígio sangrento!*

*E enquanto um caçador, a carabina em pouso,
Faiscantes, presos no ar, os olhos como brasas
A sua opima caça, abaixo, aguarda, ansioso:*

*Alto, a pompear ao sol, lá vão os groues em bando,
Irmanados, lá vão! nas protetoras asas,
Espaço acima — o grou moribundo levando!*

VILANCETE

*Pusestes meus olhos doudos.
Entanto, não vos agrada
Serdes por mim contemplada.*

VOLTAS

*Eu sinto, só pelos modos
E os olhos com que me olhais,
Que vos não pertenceis mais.
Se os vossos encantos todos
Já são de outro, infeliz hora
Essa em que vos vi!... Senhora,
Puseste meus olhos doudos!*

*Não quero ver desmanchada
A trama de ouro e de luz
Que o coração vos seduz:
De vós não espero nada...
Mas tendes tão lindo rosto!
Ou de gosto, ou contragosto,
— Sereis por mim contemplada.*

VERDE

*Há uma ressurreição no Sertão rudo.
Uma ressurreição! — Verde e risonho
É o vale, verde a serra, é verde tudo
Em que os meus olhos, deslumbrado, ponho.*

*Bruto alcantil de aspecto mau, desnudo
Esvão de terra, ríspido e tristonho,
— Agora têm branduras de veludo,
Verdes agora os vejo, como em sonho!*

*Em cisma, a sós, contemplo verde liana,
Verde, tão verde, com carícia humana
As ruínas afagando a uma tapera.*

*E na contemplação que me não cansa,
Sinto quão doce és tu, cor da Esperança,
— Até nos olhos de quem nada espera...*

A VOZ DO CORAÇÃO

*Bateu-me o coração, e repentino
Baixei os olhos, quando vi alguém...
Reservou-me o Destino
Essa hora má.*

*Oh! foi como se eu visse todo o Bem
Que devia ser meu e não será!*

*Bateu-me o coração, endolorido,
Como se eu visse o meu Ideal perdido...
Felicidade,
Vão-se os dias em número infinito,
Horas de ouro da minha mocidade,
Noites e noites — uma eternidade;
E, nesta ansiedade,
Por ti clamo e grito:
— Surge, aparece, vem, felicidade!*

Tocado de mortal desesperança.

Grito e clamo na minha solidão:

— *Quem te espera, ó ventura, em vão se cansa,
Felicidade, não existes, não.*

E o Coração responde amargurado,

Meu Coração amargamente triste:

— *Nunca serás feliz, ó desgraçado,
Mas a felicidade bem que existe!*

(Júlio Maciel. *Terra Mártir*. Rio de Janeiro, Tip. Rev. dos Tribunais, 1918, pp. 23, 26, 74. Sales Campos. Op. cit., p. 166. *Terra Mártir*, p. 68, 24. *Poemas da Solidão*. Rio de Janeiro, Ed. Henrique Velho — Emp. A Noite, 1943, pp. 161-2.)

Menos ortodoxo ainda que Cruz Filho, o Parnasianismo de Júlio Maciel revela matizes românticos e simbolistas (as maiúsculas personificadoras são uma constante). Acima de tudo, porém, está sua dicção pessoal, inconfundível. Em “Jua-zeiro”, além do descritivismo em que ressalta o regional, vibra a emoção do poeta: em meio à seca, permanece verde a árvore; entretanto, não encara o autor o aspecto positivo de tal fato, mas o lado pessimista, visto a fronde não ter frutos, e a sombra estar eivada de espinhos. O v. 6.^o é típico da dicção do poeta: *A terra, nem que fora uma fornalha, escalda*. Mário Linhares, em *Gente Nova* (1920), condena-lhe o uso constante de expressões como *que nem* e *nem que*, assim como a omissão do *que* à maneira clássica; mas isso faz parte do modo de ser do poeta, a nosso ver. “Jacarecanga”, escrito por volta de 1907 ou 1908, tendo por essa época aparecido na revista *Fortaleza* (juntamente com “Os Grous” e outros poemas seus, como informa Dolor Barreira), é dos melhores poemas feitos à nossa terra (inspira-se no bairro da zona oeste fortalezense): note-se que a primeira estrofe, onde o poeta fala de existência da tribo indígena e evoca o luar sobre as casas, se compõe de versos lentos, retratando uma cena quase estática; na segunda estrofe, anima-se a paisagem, acelerando-

-se a marcha dos alexandrinos pelas aliterações para efeito onomatopaico (grupos consonantais em *tr, tr, br, br, pr, tr, tr, br*, pela ordem de aparição); nos tercetos, volta a calma anterior, como o lirismo do romance de Iracema. No verso 12, omissão do *que* (*Parece-me inda escuto...*). Emílio de Menezes fez publicar, na revista *Fon-Fon*, do Rio de Janeiro, um soneto de Júlio Maciel; trata-se de “Aeternum Vale”, que foi estampado com destaque, em página inteira, acompanhado de um bilhete elogioso do consagrado parnasiano, que afirmava, a respeito do jovem poeta cearense: “Júlio Maciel, dos poetas novos, é, sem contestação, um dos melhores pela emoção, pelo contorno do verso e pela justa, sóbria e precisa feição de sua vernaculidade.”⁵⁸ Apadrinhado pelo famoso poeta, o soneto é, não obstante sua emoção, um robusto exemplar da escola, pela solenidade clássica e pela perfeição dos versos trabalhados. “Os Grous”, antes de incluído no livro de 1943, sofreu inúmeras alterações: a lição que reproduzimos é d’ *A Poesia Cearense no Centenário* (1922), organizada por Sales Campos. Para os *Poemas da Solidão*, foram modificados os seguintes versos, assim:

- v. 6 — E, como se as movera humano entendi-
[mento
v. 8 — Que rodopiou, fechando o remígio san-
[grento
v. 9 — E enquanto o caçador, a carabina em pouso
v. 10 — Faiscantes, presos no ar os olhos que nem
[brasas
v. 11 — A sua opima caça, em baixo, aguarda, an-
[sioso

para não falarmos da forma anterior, de 1908. Este soneto destaca-se pelo exotismo do tema; ademais, é admirável o efeito produzido pela repetição, no verso 12, do sintagma *Alto, a pompear ao sol*; no verso 1.º do segundo quarteto, note-se a expressividade advinda da aliteração (*atroa arma traiçoeira*). O “Vilancete”, de sabor clássico, revela a tendência, obser-

vada nos nossos parnasianos, de reviver inúmeros tipos de poemas de forma fixa. Também chamado vilancico, não segue só um esquema rimático. O soneto "Verde", um dos mais belos de toda a poesia cearense, trai um apuro formal que não logra nem de longe empanar a emoção transbordante: pela musicalidade, cheia de discretas aliterações (em *r* em *s* e em *v*, no 1.º quarteto; em *t*, em *r* e em *v*, no segundo; em *s*, nos tercetos), como pelo lirismo do melhor quilate poderá ser lido hoje como daqui a vinte anos ou mais, com o mesmo prazer estético, sem o ranço que costumam criar as ortodoxias. Por fim, reproduzimos um poema que nada ou quase nada revela da escola de Heredia: extraído da citada coletânea de 1922, apresenta o polimetrismo de certas composições simbolistas de Mário Pederneiras ou de Hermes Fontes: o pessimismo do poeta resolve-se em realismo amargo, ao sentir que nem ao menos lhe pode restar o consolo da não existência da felicidade. Ela existe; ele, porém não a alcançará jamais. Polimétrico nas duas primeiras estâncias, encerra-se o poema com duas quadras em verso decassílabo, com rimas em ABAB,

MÁRIO LINHARES

MÁRIO Rômulo LINHARES — Nasceu em Fortaleza, no dia 19 de agosto de 1889, vindo a falecer no Rio de Janeiro, em 15 de dezembro de 1965. Ocupou diversos cargos no funcionalismo público, em Fortaleza, Belém, Recife, Salvador e no Rio. Foi um dos fundadores da revista *Fortaleza*, em 1906; entre outros periódicos que ajudou a criar, figura a revista *Heliópolis*, que marcou época no Recife. Membro das Academias Cearense e Carioca de Letras. Usou incontáveis pseudônimos, entre os quais *Max Linder*, *Gil Vaz*, *Jacques Amiot*, *Ponciano Ribas*, *Laura Viterbo*, *Ivone Pimentel* e *Carmem Floresta*. Sua bibliografia abrange a poesia, a crítica (de arte ou literária), a genealogia e a biografia, além de conferências. De poesia, publicou: *Florões* (1912), *Evangelho Pagão* (1917), *Culto Cívico* (1917), *Poesias* (1937), *Ascensão* (1953), e *Contas Sem Fio* (1961). No ensaio, deixou *Gente Nova* (1920) e

Poetas Esquecidos (1938), entre outros; é ainda autor de uma *História Literária do Ceará* (1948).

ANTÍFONA

*Musa, chega-te a mim! Despe o manto inconsútil
E, com a nudez pagã de uma Vênus de Milo,
Modela a frase heril no mármore do Estilo,
Na Harmonia orquestral da estrofe egrégia e dútil.*

*Traze a tua energia ao meu esforço inútil
Dando a cada hemistíquio a sonância de um trilo,
E faze imune passe o Verso que burilo
À baba do Invejoso e à crítica do Fútil.*

*Toma do bloco informe e empunha, em febre, o
[escopro,
Talha, esculpe, lapida o busto da Poesia
E anima-o triunfalmente ao teu divino sopro.*

*Se, como Pigmalião, — dados todos os traços —
Não lhe puderes dar Alma, Vida e Energia,
Parte a escultura vã desfeita em mil pedaços!*

A SECA

(Paisagem cearense)

*Ceará. Pleno sertão. Agosto. Um sol de brasa
Queima impiedosamente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
De ave corta. A adustão flores e frutos cresta.*

*Fuzila o dia. Em fúria, o vento, dentre a fresta
De abertas rochas, silva. À sede que o abrasa,
O touro escarva o chão e ao mormaço da sesta,
A dor da planta à dor dos pássaros se casa.*

*Nenhum riacho a colear o amplo seio do bosque.
É ardente o solo, é murcho o arbusto, é triste o prado;
E nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.*

*Calma. Pela esplanada apenas se ouve o pio
Dos anuns e o mugir convulsivo do gado,
Sob a cáustica luz desses dias de estio.*

FESTIM ROMANO

*Festim romano. Nero assiste, repoltreado
Lassamente no toro ebúrneo em que se inclina,
Ao deboche brutal das heteras e, a um lado,
Canta uma escrava ao som de uma gusla em surdina.*

*Aos acentos febris de uma ária fescenina,
Requebrando os quadris em lúbrico bailado,
As cortesãs, em coro, a taça cristalina
Erguem, em brinde à Carne e apoteose ao Pecado.*

*Referve a orgia... E Nero, às vibrações da lira,
Canta obscena canção e, no esto em que delira,
O vinho, em fogo, inflama o seu rosto sangüíneo.*

*E Popéia, saudando o imperador de Roma,
Entre as aclamações dos convivas, assoma,
Ébria e nua, a tombar de tricínio em tricínio.*

CULTO SELVAGEM

*Galgando os alcantis destes cerros e o inculto
Bosque transpondo, vim, na ânsia a que tenho presa
A minha alma panteísta; — e eis-me aqui, Natureza
Como um crente, a adorar-te em fervoroso culto.*

*A floresta é o meu templo e eu, de joelhos, me curvo
Ao rulo da ave, à voz do vento e à luz do sol.*

*A alma das cousas vibra: — o lírio fala ao turvo
Riacho e a luz do astro fala à voz do rouxinol...*

*O colibri, ruflando as asas de oiro, oscula,
Sensualmente, a corola a uma rosa vermelha
E, por volta de um lis que entreabre o caule, a abelha
Zumbe e, no galho, a rola as penas riça e arrula.*

*Sobre as costas, o peso enorme de uma folha
A formiga sustém arrastando-se ao chão.
Plange, entre o seixo, o arroio e lembra cada bolha
Uma flor despencada ao sopro do tufão.*

*A aroeira, umbrosa, se ergue e abre o pátio dos ramos
No alto e, qual uma serpe, o musgo enlaça o tronco.
Soa o tropel do bando apressado dos gamos
Que, aos saltos, vence o val, sobe ao rochedo bronco.*

*Sai do ninho e fende o ar a juriti, ajoita,
Enquanto o vento agita a ramaria em flor.
Baila o inseto de galho em galho e, moita a moita,
Andam pipilos de ave em colóquios de amor.*

*E a alma da Natureza abstratamente estudo
E procuro sondar a harmonia secreta
Que vem da flor, que vem da rocha e vem de tudo
E, ignotamente, sobe à minha alma de poeta.*

*Ah! que impulso regula o equilíbrio da Vida
E estranho sopro anima o espírito imortal?
Se essa energia é a mesma energia incontida
Que dá calor ao sol, nutre o instinto animal...*

*Como, enfim, perscrutar o mistério das cousas?
— Desço ao seio do mar e ao seio do infinito
Subo e ninguém responde à angústia do meu grito...
Quem compreende o que diz o silêncio das lousas?!...*

*... E escuto a Natureza a dizer, — pelo aroma
Da flor e arrulho da ave e pela voz dos seus
Riachos e azul do céu, — que esse poder que assoma
E anda em tudo, é o imanente espírito de Deus...*

A JANGADA

(Paisagem cearense)

*Mal o clarão da aurora rompe a bruma
E densa escuridão da madrugada,
Aos repuxos das ondas, a jangada,
Serena e afoita, a branca vela enfuna.*

*O dorso encrespe o oceano e o vento zuna,
— Segue aos vaivéns d' água convulsionada,
E sobe e desce aos ímpetos de cada
Vaga e à mercê dos ventos se afortuna.*

*Parte e se some... À tarde, é de ver que ela
Volta afrontando a fúria da procela
Antes que a luz do dia se dissipe.*

*Volta encurvando a asa da vela; suste-a
Aira do mar, — volta ao poder de angústia
Da saudade sem fim do Mucuripe.*

(Dolor Barreira. *Op. cit.*, 1. 3, pp. 73-4; Mário Linhares. *Evangelho Pagão*. Rio de Janeiro, Of. Tip. Apolo, 1917, pp. 25; 17-8; Sales Campos. *Op. cit.*, p. 193.)

Vários autores se referiram ao caráter parnasiano da poesia de Mário Linhares, ao tempo de sua estréia. Antônio Sales, certamente falando apenas dos trabalhos enfeixados em livro, escreveu, em 1922: "É com Mário Linhares que a nossa poesia começou, nestes últimos anos, a subir de nível, até chegar ao presente momento em que os seus representantes se apresentam com predicados notáveis de cultura intelectual